

Considerações Finais

Reginaldo José de Souza

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

Considerações Finais. In: SOUZA, R.J. *Paisagem e Socionatureza: olhares geográfico-filosóficos* [online]. Chapecó: Editora UFFS, 2018, pp. 122-126. ISBN: 978-85-64905-98-6.
<https://doi.org/10.7476/9788564905986.0007>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrever este livro me permitiu repensar uma série de questões necessárias ao entendimento da paisagem geográfica, através do contato com a Filosofia da Paisagem. Esta incomum linha de investigação abriu-me caminhos para buscar inspirações em uma categoria que se realiza como dimensão da existência, na qual o homem pode projetar-se na realidade e encontrar a si na natureza, como num duplo reencontro entre a unidade natural e a sua própria unidade no mundo.

Ao longo do processo de sistematização das ideias, percebi alguma coisa que não tinha minha atenção anteriormente: a imensidão da natureza e urgência de um geógrafo rever a forma de abordá-la em suas metodologias e práticas pedagógicas. Muitas vezes nos pautamos em perspectivas extremamente utilitaristas, mesmo quando nosso enfoque é criticar os usos predatórios. E a crítica vem tanto por preocupações ambientais, de maneira mais ampla, ou, em especial atenção às causas sociais, quando identificamos que a degradação da natureza também é, de algum modo, uma face perversa do sistema econômico excludente e gerador de benesses e conforto para poucos.

No entanto, o retorno ao sentimento de natureza pode ser uma via para perscrutar e, assim, a experiência estética desponta como estratégia de complementação, ou até mesmo de superação, das abordagens funcionalistas plenas na empiria e vazias de emoção. De agora em diante, percebo que a experiência estética com a natureza, através de sua expressão paisagística, tem enorme potencial: ela não é restrita somente para iniciados e especialistas das artes e está ao alcance de todos. Assim, a sensibilização

estética através de uma educação paisagística se abre como possível estratégia que posso utilizar tanto nas minhas pesquisas quanto nas minhas aulas. Que isso sirva de inspiração aos colegas professores que chegaram comigo até aqui!

Também foi possível entender que o enquadramento paisagístico não é aquele de sua representação na pintura ou na fotografia, como sinônimo de panorama ou simples cenário de uma ação. O enquadramento paisagístico apresenta-se como arrebatamento racional-emotivo, que parte do observador e vai até a linha do horizonte onde Céu e Terra se tocam. A paisagem nasce no encontro entre dois feixes de luz que atravessam janelas posicionadas uma diante da outra: os olhos, as frestas da alma; o horizonte, a fresta para o infinito.

Assim, entender a paisagem é entender como a natureza se expressa e como a sociedade se expressa na natureza que pode ser tocada e modificada por suas ações, recuperando a ideia de que não há controle humano da *physis* e de que suas dinâmicas não são intencionais, não pretendem nos beneficiar ou nos prejudicar. A paisagem impõe ao ânimo o fato de que a neutralidade dos acontecimentos naturais se perde em acordo ou desacordo com as intenções humanas no agir territorial.

Entretanto, emerge um sério problema quando a paisagem é confundida (ou suplantada) com espaço geométrico ou com a própria natureza. No primeiro caso, a paisagem se perde na ânsia retilínea dos grandes empreendimentos e nas linhas do progresso: as grelhas urbanas, as autoestradas, as barragens hidrelétricas, o desmatamento para retificar áreas de imensas monoculturas, entre outros tantos exemplos. No segundo caso, a paisagem sequer existe, pois o que prevalece é a ideia de uma *natureza-fonte* de recursos, não para a vida, mas para o lucro.

Diferenciar paisagem de espaço e de natureza é fundamental no âmbito da Geografia. Essa disciplina é a conexão das pessoas com temas importantes da cidadania, com a finalidade de superar equívocos de interpretação e a ideia de que a ciência geográfica serve apenas para memorizar nomes de capitais.

Uma das inquietações, precedentes ao meu estágio de pesquisa pós-doutoral, era justamente encontrar o ponto de partida para construir uma interpretação mais viva acerca da paisagem, ou seja, algo que se afaste dos achismos e dos erros que a colocam como similar de natureza, espaço ou ambiente. A leitura filosófico-paisagística é esse ponto de partida. Nós, geógrafos, temos de nos voltar para a epistemologia a fim de reavivar a paisagem como categoria, isto é, através de um posicionamento filosófico que a coloca como elemento de definição de modos de ser e gera um impulso para a reflexão e entendimento sobre a materialidade e imaterialidade constitutiva do mundo e de nós mesmos.

Para as sociedades que não perderam o sentimento de unidade da natureza, a paisagem é uma noção sem sentido, na realidade, sequer é uma noção. Para uma sociedade que, desde muito tempo, abandonou o sentimento de unidade da natureza, a paisagem faz todo sentido como tentativa de reconexão. Porém, um grande problema nasce quando uma sociedade, que se afastou da natureza, simplesmente não desenvolve a cultura paisagística. Um trabalho de base precisa ser feito e ele será de responsabilidade do professor de Geografia.

A educação paisagística impõe o pensar a natureza, seu postulado de infinitude e sua dimensão caótica. Distante de ser a plena representação da harmonia, a natureza tem dinâmicas próprias que não condizem com os desejos dos homens. Esse é um primeiro ponto para abandonar tanto a ideia de sacralização quanto de dominação.

A educação paisagística também deve desconstruir o preconceito com relação à contemplação estética. Não é injúria defender a bela paisagem. Inclusive, a apreensão da paisagem deve voltar-se para a necessária apreensão da beleza, pois pode não haver paisagem nos espaços onde o comprazimento não compareça como emoção.

Além da razão de ser para a sensibilidade, a educação paisagística deve cuidar para que não haja confusão entre a paisagem e a sua representação. O espaço essencial da paisagem é aquele exterior, limitado, porém,

aberto, conectado ao infinito e constituído pelo enlace existencial entre a consciência no mundo e do mundo na consciência. As representações são importantes, sobretudo o uso de imagens para fins didáticos e, também, para os trabalhos de investigação que tenham estudos de casos específicos como meta. No entanto, a pintura e a fotografia nunca serão capazes de suscitar o mesmo sentimento de uma experiência ao vivo.

Ao longo da pesquisa também percebi o desafio colocado para a Geografia no que diz respeito à cartografia da paisagem: é realmente possível mapeá-la? Essa é uma pergunta que não pretendo responder de maneira imediata, por isso não tratarei do assunto aqui. Mas penso que os mapas de unidades da paisagem, no âmbito da perspectiva geoecológica, por exemplo, precisam ser elaborados com maior atenção a esse desafio. Afinal, isso parece levantar dois problemas do ponto de vista teórico-metodológico: i) representar a paisagem através de pedaços, chamados de unidades, seria o mesmo que criar a fragmentação de uma categoria que já nasce como contrapartida à perda da unidade da natureza na modernidade, é o mesmo que afirmar a fragmentação do que surgiu para desfragmentar, descolar a colagem; ii) o mapa é como um sobrevoo sem decolagem ou aterrissagem, com a visada sempre voltada verticalmente para a terra, então, como trazer a paisagem para uma representação sem horizonte?

Assim, o caminho da educação paisagística consiste no reconhecimento da categoria como qualidade da existência, no mundo vivido, percorrido. A paisagem é muito potente para ser reduzida ao “quadro natural” ou plano de fundo impactado. É importante perceber que se trata de uma chave para qualificar os desdobramentos das ações humanas na natureza.

As pessoas podem, através da interpretação paisagística, compreender os motivos que levam à existência de áreas belas, bem organizadas e perfeitamente adequadas para uma vida aprazível, enquanto muitas outras não obedecem a esses padrões. O que verdadeiramente me falta para vivenciar a paisagem? Quais são os princípios éticos de uma sociedade

com seu território, que permitem ou impedem pessoas de experienciar o comprazimento da paisagem?

A paisagem, como ligação com o belo e o bem organizado dos lugares, é um direito de todos, pois uma vida sem paisagem é uma vida limitada pelas sombras da caverna.